



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

CAYO BRUNNO DANTAS CAVALCANTE

A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Catolé do Rocha-PB
2017

CAYO BRUNNO DANTAS CAVALCANTE

A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: Ms. Henrique Miguel de Lima Silva

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2017**

C376s Cavalcante, Cayo Brunno Dantas.
A sociolinguística e o ensino da língua portuguesa
[manuscrito] : / Cayo Brunno Dantas Cavalcante. - 2017.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva,
Coordenação do Curso de Ciências Agrárias - CCHA."

1. Sociolinguística. 2. Ensino. 3. Língua portuguesa.

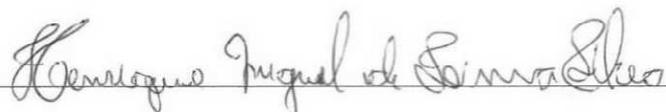
21. ed. CDD 410

CAYO BRUNNO DANTAS CAVALCANTE

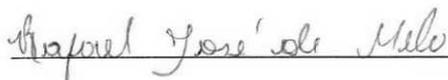
A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Aprovada em: 04/08/2017.

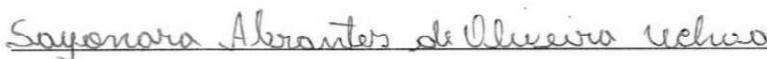
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva
(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rafael José de Melo (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchoa (Examinador)
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

CATOLÉ DO ROCHA-PB
2017

AGRADECIMENTOS

Sou grato primeiramente a Deus por ser tão maravilhoso e de bondade infinita comigo, ter me abençoada para está presente nesse momento tão importante na minha vida pessoal e profissional. Em segundo lugar a minha família, em especial minha mãe, que tanto se esforçou para que esse momento tornasse realidade em minha vida, minha família é a base da minha vida, uma entidade que preso muito por sua manutenção e procuro manter firme os valores.

Agradeço também a todos os meus professores que cruzaram minha trajetória escolar e acadêmica até aqui, em especial ao professor Henrique Miguel o qual me apoiou e me incentivou para que esse momento chegasse e que eu estivesse preparado, de fato.

Aos meus colegas também não posso de maneira alguma esquecer, a eles que tanto me ajudaram durante todo esse tempo enquanto graduando, que estavam sempre comigo nos momentos bons e ruins, portanto, eu digo a Thalisson, Talissy, Natalhá, Rosany, Natan, meu sincero obrigado.

Quero aqui também agradecer a minha namorada Vitória Oliveira que tanto tem me apoiado e me ajudado para que esse momento seja especial em minha vida. A todos os meus colegas da Banda Patu Louvar que acreditam a todo instante em minha capacidade e sempre demonstraram a mais plena confiança no meu potencial. E.Gusmão que diz “Amizade verdadeira não é ser inseparável. É estar separado, e nada mudar”. Sendo assim, quero agradecer a todos os meus amigos, sem exceção. Que seja aqueles que estão longe, mas que fizeram parte da minha vida de forma positiva, amigos de infância que já estão longe e os que continuam perto de mim. Aos amigos, Elisson Moura, Andson Soares, Gilmar Alves, João Paulo, Cândido Queiroga, Samira Cavlcante enfim, a todos eles que marcaram minha vida, também digo o meu mais sincero obrigado por tudo.

A SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

CAVALCANTE, Cayo Brunno Dantas
Graduando em Letras – UEPB/Campus IV

SILVA, Henrique Miguel de Lima
Prof. Ms. Orientador - UEPB/Campus IV

RESUMO

O presente trabalho propõe refletir sobre o ensino língua portuguesa considerando o uso dos pressupostos sociolinguísticos das teorias às práticas pedagógicas em sala de aula, demonstrando as variantes englobadas na língua, proporcionando discussão sobre a importância de se trabalhar essas variações, no intuito de tornar o ensino/aprendizagem dessa língua mais dinâmico, dialógico, pragmático e que seja prazerosa para os alunos, superando a perspectiva tradicional e histórica de erro linguístico. Para isto, utilizamos o método bibliográfico de caráter especulativo visando compor um panorama dos estudos realizados em sociolinguísticas e suas implicações no ensino de língua materna. Além, pressupomos que promover este tipo de reflexão em sala de aula contribui diretamente na formação de sujeitos críticos e conhecedores das diversas variantes linguísticas, bem como o contexto de uso e aceitabilidade de cada uma. Ressaltamos ainda que o papel da escola, no que concerne à linguagem, é ensinar a língua a partir de práticas situadas, estas, por sua vez, são, inerentemente, permeadas pelas variações dentro das comunidades de prática (ECKERT, 2005). Fundamentamos nossa pesquisa em Hora (2011, 2015) Silva (2016), Fiorin (2008, 2009), dentre outros que partilham do entendimento da língua enquanto variável e que, por conseguinte, suas variantes devem ser compreendidas dentro do contexto educacional como representativas de comunidades de práticas e não como erros. Dessa maneira, acreditamos que seja indispensável desmistificar as variantes linguísticas como erro, cabendo ao docente desenvolver uma cultura crítica que vá além da compreensão única e exclusiva da norma padrão.

Palavras-chave: Sociolinguística, ensino, língua portuguesa.

THE CONTRIBUTIONS OF SOCIOLINGUISTICS FOR THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT

The present work proposes to reflect on the Portuguese language teaching considering the use of the sociolinguistic assumptions of theories in the pedagogical practices in the classroom, demonstrating as variants within the

language, providing discussion about the importance of working these variations, without aiming to make teaching / Language learning that is more dynamic, dialogic, pragmatic and enjoyable for students, overcoming the traditional and historical perspective of linguistic error. For this, we used the bibliographic method of speculative character aiming to compose a panorama of the studies carried out in sociolinguistics and its implications not teaching of mother tongue. In addition, we assume that they promote this type of reflection in the room of contributions for the formation of critical subjects and connoisseurs of the different linguistic variants, as well as the context of use and acceptance of each one. More than a week ago, it is practiced in a language and is in practice, these, in turn, are inherently permeated by variations within communities of practice (ECKERT, 2005). We base our research on Hora (2011, 2015) Silva (2016), Fiorin (2008, 2009), among others who share the understanding of the language over time, therefore, its variants should be informed about the educational context as representative of Communities of practices and not as errors. In this way, we believe that it is indispensable to demystify as linguistic variants as an error, and it is up to the teacher to develop a critical culture that goes beyond the single and exclusive understanding of the standard norm.

Key words: Sociolinguistics, teaching, Portuguese language.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa é inerentemente permeado pela concepção de língua que o docente adota em sua prática. Para os que adotam a concepção de língua enquanto expressão do pensamento, a língua é vista como uma instituição individual, monológica, sendo apenas a exteriorização do pensamento, traduzido por meio das palavras, ela deveria ser estudada partindo da análise das partes para a compreensão do todo.

Os que trabalham com língua como instrumento de comunicação fazem o uso das variedades linguísticas como fonte de compreensão superficial do processo de variação linguística sem, no entanto, conforme Fiorim (2008, 2009), refletir sobre este processo que, por sua vez, é inerente a qualquer sistema linguístico.

Por sua vez, os que se pautam na língua enquanto meio de interação social, tentam explicitar o ensino de língua materna, porém, não trabalham de forma adequada com as variantes linguísticas e, por mais que utilizem os gêneros textuais como fonte primária de ensino, abordam prioritariamente o ensino da norma padrão, refletindo de modo insuficiente a questão da variação linguística.

Todavia, como têm sido trabalhado as variações da língua dentro dessa do ensino da língua? De quais maneiras podemos desenvolver um ensino que trabalhe com a língua em uso e que, ao mesmo tempo, considere a variação linguística em preconceito?

Objetivamos compreender as contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. De forma mais específica, procuramos correlacionar os estudos em sociolinguística com o ensino de língua portuguesa; refletir sobre os pressupostos da sociolinguística e suas implicações no ensino de Língua Portuguesa e, por fim, refletir sobre a formação docente e as contribuições da sociolinguística.

1. BREVE HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

No intuito de oferecer uma melhor compreensão das contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua materna, faremos um breve recorte das concepções estruturais de língua e, por conseguinte, suas implicações no ensino de língua portuguesa.

Saussure (1975) vai definir a língua como um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica.

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 1995, p.96).

No ensino da língua portuguesa, percebe-se que alguns aspectos como, a experiência comunicacional e o dialogismo são deixados de lado pelo professor. Dessa forma, o ensino da língua se torna apenas repasse de regras e padrões gramaticais, onde a reflexão a cerca do contexto comunicativo, variação linguística de cada sujeito, posição geográfica entre outros fatores, passam a ser engolidos por essas práticas adquiridas pelo professor.

Vivemos em uma época em que a escola não pode mais ignorar as diferenças sociolinguísticas. Professores e alunos têm que está conscientes de que existem formas alternativas para se dizer a mesma coisa, as quais serve a propósitos comunicativos diferentes e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (NAVARRO, 2007, p. 9).

Sendo assim, esse texto fará uma análise sobre as práticas usadas na sala de aula para o ensino de língua portuguesa partindo da visão sociolinguística trazendo todo o aparato das variações linguísticas e como mostrar ao aluno como lhe dar com todo esse processo de variação/mudança da língua.

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas

permitir-lhes a escolha da forma de falar a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa [...] A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL. 1998, p.31).

Sabemos que o homem constrói sua própria cultura, seu modo de falar, de se comunicar é reflexo de experiências presenciadas em sua comunidade, tudo acontece com o uso da língua que se torna uma ferramenta precisa para a interação entre sujeito e sociedade. Sendo assim, a língua e suas variações devem fazer parte dessa inter-relação de (sujeito-sociedade) no intuito de que aconteça a união entre língua e sociedade. O homem deve entender que essa união é necessária uma vez que a língua é um sistema que segue passo por passo a evolução da sociedade.

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade [...] A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. (LABOV 2000, p.16-17).

As teorias sociolinguísticas trazem a ideia de que os discursos variados existentes na nossa língua devem ser tratados como “diferença” o que é comum em qualquer língua falada e não “erros” como se ensina em alguns casos. Nesse caso, a língua deve ser analisada e refletida com base em suas variações, trazer para o aluno a possibilidade de enxergar essas devidas variações como algo novo para o mesmo buscar compreender as diversas mudanças que ocorreram e que ocorrem até os dias atuais.

É necessário analisar e compreender que pensar numa concepção de prática de língua é ter que pensar acima de tudo, na linguagem como um conjunto de recursos expressivos, que muda constantemente. Dessa maneira, propor reflexões que possibilitem repensar novas práticas pedagógicas para que se respeite a diversidade a que estão expostos o falante e sua língua, tendo

como uma base as variadas situações comunicativas que esses falantes apresentavam em seu dia a dia.

Esse problema das variações linguísticas tem sido uma grande dificuldade nas salas de aula, muitos professores não sabem como lidar com essa questão por está acostumado a apenas utilizar as regras gramaticais, e nem muito menos desenvolver práticas para que seus alunos compreendam esse processo de mudança da língua e suas diferenças, seja na escrita, ou na fala. Entender que cada indivíduo tem sua maneira de falar é de grande importância para que não se crie o que podemos chamar de preconceito linguístico.

1.1 APROFUNDANDO-SE SOBRE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Quando se fala em variação linguística, isso implica dizer que a língua apresenta aspectos como, sociais, culturais, econômicos, geográficos, portanto ela é heterogênea. Segundo Rodrigues (2002, p. 11) há dois tipos de variação.

A primeira ocorre em função do falante. A segunda em função do ouvinte.

A variante em função do falante pode ser denominada de variação dialetal como variantes espaciais (dialetos geográficos ou diatópicos), variantes de classe social (dialetos sociais ou diastráticos), variantes de grupos de idade (dialetos etários), variantes de sexo (dialetos masculinos e femininos), variantes de gerações (variantes diacrônicas) (FIORIM, 2009, p. 127).

A variante em função do ouvinte pode ser chamada de registro que passam a ser variantes de grau de formalismo, variantes de modalidade (falada e escrita) e variantes de sintonia (ajustamento do emissor ao receptor) (FIORIM, 2009, p. 127).

Nessa perspectiva, a variação linguística nada mais é do que as mudanças que ocorre diariamente na língua, cada falante tem sua maneira de se comunicar, pode-se tomar como exemplo o Nordeste, estado que contém suas particularidades na língua, como a pronúncia da palavra “muie”, mas não podemos dizer que está errado e muito menos desenvolver um preconceito.

Com base nesse exemplo.

Para Tarallo (1986, p. 9) a variação é vista pela sociedade como um

“caos” linguístico, em outras palavras, como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa se enfrentam em um duelo ou em um combate sangrento de morte.

Partindo dessa afirmação podemos parar e refletir sobre o que se ensina nas salas de aulas, como essas variações linguísticas são tratadas e se realmente podemos distinguir o que é falar “certo” ou “errado”.

1.2 A TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Através de estudos feitos pela sociolinguística, na década de 60 a língua passou a ser heterogênea e diversificada, ou seja, a língua era um resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos que proporcionam a variação de forma sistemática, mostrando assim que, todas as línguas estão sujeitas a mudanças, sendo que a língua funciona como um elemento de interação entre indivíduo e sociedade. Preti (1972, p. 102). Vai dizer que é através da língua, que a realidade se transforma, sendo a mesma um sistema heterogêneo e plural.

A partir dos estudos sociolinguísticos, fatores como, status social, sexo, grau de instrução, profissão, estilo pessoal, contexto e região começaram a ser considerados importantes. A sociolinguística, com seus estudos empíricos, conseguiu promover grandes mudanças quanto à prática dos professores em sala de aula. Intensificando sempre que as escolas devem respeitar e valorizar o saber linguístico prévio de cada falante, permitindo-o ter direito de ampliá-lo e enriquecê-lo, com o intuito de remodelar o ensino de língua portuguesa através dessas teorias significativas.

Assim, levar para sala de aula a visão gramatical de uma língua estática, prescrevendo o que deve ou não ser usado, recomendando como se deve falar e escrever sem considerar a vivência dos discentes não é coerente. A escola tem, hoje, a função de adotar uma atitude realista diante da diversidade linguística brasileira e revisar o ensino preconceituoso da língua

portuguesa, abrindo novos caminhos para o multilinguismo da nossa sociedade (COELHO, 2007, p. 126).

Sistematiza-se essa língua heterogênea, ou seja, a “fala”, utilizando a noção de “variáveis” e “variantes” – linguísticas e extralinguísticas. Segundo (TARALLO, 2012, p. 8). Uma variante é uma das possíveis realizações linguísticas que pode ser usada para um mesmo conteúdo semântico. Variantes linguísticas são várias maneiras de se falar a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.

Com base nas classificações das variáveis extralinguísticas que Bright (1974, p. 18) aponta três dimensões básicas para o “condicionamento da diversidade linguística”: a) a identidade social do emissor, b) a identidade social do receptor e c) o contexto da interação, dimensões essas que não estão separadas e excluídas, mas em determinados pontos se interseccionam em vários pontos nesse processo de comunicação e interação entre os falantes.

A análise sociolinguística enfoca fundamentalmente o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam influenciar a operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística. (SALOMÃO, 2011, p. 191)

A sociolinguística busca quebrar esse ensino padrão de língua portuguesa, onde a gramática normativa é seu maior símbolo e único suporte teórico e que o ensino da língua não é definido por sua condição social, por exemplo.

Num país como o Brasil, em que em termos quantitativos, mas principalmente em termos qualitativos, a educação escolar é artigo de luxo e a língua-padrão associada à classe social e não a contexto de uso, os indivíduos de classes menos favorecidas, dificilmente serão cidadãos plenos sem o acesso à cultura letrada e sem o domínio da norma de prestígio, ficando alheios a vários bens culturais, sujeitos a subempregos e excluídos da vida política (SANTOS. p.83, 2008).

Quando se fala em sociolinguística ligada ao ensino de língua, é imprescindível que se discuta sobre as concepções de linguagem, para que sirva de orientação no desenvolvimento de práticas pedagógicas dos professores.

Segundo Geraldi (1984, p. 11), são três as concepções de linguagem, linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como processo de interação. Na primeira concepção, linguagem como expressão do pensamento, temos a língua como uma instituição individual, ou seja, monológica, sendo ela apenas a exteriorização do pensamento, traduzido por meio das palavras. Nessa concepção há distinção entre o “certo” e “errado”, portanto, o que não está seguindo as regras gramaticais está definitivamente errado.

A segunda concepção, linguagem como instrumento de comunicação, a língua é vista fora de seu contexto de utilização, a qual se fundamenta nos pressupostos do estruturalismo.

Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua é um ato social, envolvendo conseqüentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação aconteça. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22)

Na terceira e última concepção, linguagem como processo de interação, a língua é uma forma de interação entre o indivíduo falante com seu contexto comunicativo no qual o mesmo está inserido.

A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma das situações de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 2009, p. 23)

Nessa terceira concepção temos uma ênfase de como essa interação do indivíduo com seu contexto comunicativo é importante, pois, a linguagem é social, histórica e coletiva. Isso implica dizer que deve sempre existir essas relações de interação entre os falantes. Dessa forma, aplicar essa concepção no contexto escolar é ainda mais importante, trazer essa ideia de heterogeneidade e dinamização é a peça chave para que se tenha uma diversidade linguística constitutiva de uma língua natural.

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (BRASIL, 1998, p. 20)

A sociolinguística mostra que é possível o desenvolvimento de novas práticas e novos métodos para que se tenha um ensino de linguagem significativo, tanto no sentido de incluir alunos de classes sociais mais baixas, como também, para que o aluno não se sinta um estrangeiro com relação à língua falada nas escolas, e com isso, que eles consigam participar de forma satisfatória das atividades sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos e principalmente quebrar a ideia de que só se ensina e aprende português se utilizar uma gramática.

Os professores de língua portuguesa ainda ensinam a gramática normativa, prescrevendo regras a serem seguidas, como se “a análise sintática e morfológica dos termos da oração ajudasse na leitura e interpretação do mundo; como se a memorização de todas as conjunções fizesse do aluno um redator capaz de conferir maior coesão a suas frases e ideias no texto” (COELHO, 2007, p. 18).

Com base no autor, percebe-se que ainda há um ensino voltado para as estruturas da língua sem, todavia, compreendê-las no uso. Faz-se necessário,

dessa maneira, refletir sobre como ensinar língua a partir de seu uso, sobretudo, compreendendo que a mesma é um sistema heterogêneo, cujas variações são ordenadas por regras; pois, somente assim, desmistificaremos a concepção errônea de variação linguística como erro recorrente em classes com menor poder aquisitivo

2. REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Na atualidade, muito se discute sobre se deve abolir a norma padrão. A resposta mais óbvia é não, de maneira nenhuma. No entanto, é preciso desenvolver práticas para que esse ensino de língua se torne mais heterogêneo na questão de se respeitar e de se ensinar a língua mediante suas variações e mudanças, no intuito de contribuir para que as concepções de língua e linguagem sejam perpassadas pela teoria sociolinguística e que a língua seja estudada e aplicada de maneira correta.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. [...] Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. BAGNO (1999, p.20).

Além disso, o autor acrescenta que:

Mesmo que tenhamos tudo isso muito claro em nossas mentes, é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociológico, o “erro” existe e sua maior ou menor “gravidade” depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. [...] O “erro” linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante. (2002, p.73).

Diante do exposto, percebe-se a necessidade gritante de extinguir esta visão segregante de que a variação linguística é vista como um erro, um desvio de norma gramatical. Como vimos anteriormente, o próprio processo de variação linguística é regido pelas regras do sistema da língua.

Compete, neste caso, ao docente explorar as variantes linguísticas de modo a eliminar esta visão periférica da língua portuguesa, trabalhando com os contextos socioculturais em que estas variantes não-padrão são socialmente aceitas. Além disso, o professor pode refletir sobre os usos da língua de acordo com as esferas de interação social; isto, sem dúvida, faz com que os estudantes compreendam que determinadas variantes linguísticas, apesar de serem aceitas em alguns contextos de interação verbal, não podem ser utilizadas em determinados espaços sociais por não fazerem parte daquela esfera em questão. Ou seja, tira-se a não de erro por adequação linguística.

Além disso, deve-se compreender que:

Desde já, porém, é necessário destacar que as relações entre linguagem e cultura constituem a questão fundamental, nuclear, tanto na ideologia da deficiência cultural quanto na ideologia das diferenças culturais; em consequência, desempenham um papel central nas explicações do fracasso escolar. O papel central atribuído à linguagem numa e noutra ideologia explica-se por sua fundamental importância no contexto cultural: a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão. Em consequência, nesse quadro de confrontos culturais, a linguagem é também o fator de menor relevância nas explicações do fracasso escolar das camadas populares. É o uso da língua, na escola, que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que geram discriminação e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e levam a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada. (SOARES 2000, p. 16-17).

Quando o professor é capaz de relacionar o ensino de língua portuguesa com os aspectos culturais, além de oferecer uma base sólida para o entendimento

dos usos da língua em determinadas esferas sociais, amplia a compreensão de nossa cultura enquanto multicultural.

É importante ressaltar que este posicionamento docente também diminui crenças ideológicas a respeito da língua, bem como deixa claro para os educandos o papel da escola enquanto ensino dos usos linguísticos e da adequação para cada contexto de uso, sem, no entanto, priorizar unicamente a variante linguística de prestígio social.

Por fim, é importante

Traçar uma diferença que nos parece fundamental: a distinção entre diferença linguística e erro linguístico. Diferenças linguísticas não são erros, são apenas construções ou formas que divergem de um certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua. (POSSENTI, 1996, p. 80).

Dessa maneira, esperamos que estas distinções conceituais possam contribuir para o trabalho docente no sentido de uma educação para cidadania, onde o uso da língua é determinante e sua adequação faz-se indispensável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso que os professores abordem o ensino da língua materna com o desenvolvimento de um bom método de ensino, para que o aluno e até mesmo o próprio professor comece a compreender um pouco sobre o contexto no qual estão inseridos naquele ambiente escolar, sendo que, o mesmo recebe alunos de todas as regiões, estados, que trazem uma vasta série de variação que a língua disponibiliza. Para que isso aconteça, o professor pode aplicar atividades para que ocorra essa devida compreensão.

Uma proposta interessante é que o professor traga para a sala de aula textos do cotidiano, ou seja, que estão presentes no dia a dia dele e dos alunos principalmente, logo após, que o professor faça a leitura desses textos oralmente com os alunos e promova uma descrição sobre as variações que permeiam a linguagem, de modo que os traga para a realidade da língua envolta em transformações.

Assim, os alunos serão instigados a pensar sobre o processo sistemático que cerca todos os fenômenos de variação linguística nos mais diversos usos da Língua Portuguesa, seja na vida pessoal ou profissional.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. (org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa, 5ª a 8ª série**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**, 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- MONTEIRO, José Lemos. **Compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.
- NEVES, M. Helena de Moura. **A gramática funcional**. 1.ed.São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental:** Ministério da Educação, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola.** 7 reimpressão, 2001. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

PRETI, D. **Oralidade e gíria:** como tratá-las no ensino. In: BASTOS, N.B. (org.). Língua Portuguesa: uma visão em mosaico. São Paulo, EDUC, 2002.

RORIGUES, A.D. **Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil.** In: BAGNO, M.(org.).

Linguística da Norma. São Paulo: Loyola, 2002.p. 11-23.

SANTOS, Patrícia Tavares de Almeida. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora:** gerundismo, preconceito e expansão da mudança, 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOARES, Magna. **Linguagem e Escola uma perspectiva social.** 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1986. 96 p

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.